

Assim que entrou o *Inominado*, Federigo foi ao seu encontro de rosto atencioso e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada; «quando há tanto tempo, tantas vezes, devia eu ir ter consigo». «Ter comigo, vós! Sabeis quem sou? Disseram-vos bem o meu nome?».

«Deixai», disse Federigo, prendendo-a com amorosa violência, «deixai-me apertar esta mão». Assim dizendo, estendeu os braços ao pescoço do *Inominado*, o qual, depois de ter tentado subtrair-se, e resistido um momento, cedeu, como que vencido por aquele ímpeto de caridade, abraçou também o cardeal. O *Inominado*, soltando-se daquele abraço, exclamou: «Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me, compreendo quem sou».

«Não julgueis que me contento com esta visita por hoje. Voltareis, não é verdade?».
«Se voltarei?» – respondeu o *Inominado*. – «Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como um pobre mendigo. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, de vos ver! Preciso de vós!».

Alessandro Manzoni, *Os noivos*

Caravaggio, *Adoração dos pastores* (pormenor), 1609.
Museu Regional de Messina, Itália. © A. Dagli Orti/Scala, Firenze



O acontecimento cristão tem a forma do encontro com uma realidade física, corporal, feita de tempo e de espaço. É o encontro com uma realidade presente, viva, integralmente humana, cujo resultado exaustivo é o de ser sinal visível da presença de Cristo, de Deus-feito-homem através da precariedade de uma aparência humana. Este encontro é o que polariza continuamente a nossa vida, dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele não existe nenhuma fonte de consciência de novidade na vida.

Luigi Giussani